



FILOSOFIA

2ª Etapa

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO.

Leia atentamente as instruções que se seguem.

- 1 - Este Caderno de Prova contém **cinco** questões, abrangendo um total de **oito** páginas, numeradas de 3 a 10.
Antes de começar a resolver as questões, verifique se seu Caderno está **completo**.
Caso haja algum problema, solicite a **substituição** deste Caderno.
- 2 - Esta prova vale **100 (cem)** pontos – ou seja, **20 (vinte)** pontos por questão.
- 3 - **NÃO escreva seu nome nem assine nas folhas deste Caderno de Prova.**
- 4 - Leia cuidadosamente cada questão proposta e escreva a resposta, **A LÁPIS**, nos espaços correspondentes.
Só será corrigido o que estiver dentro desses espaços.
NÃO há, porém, obrigatoriedade de preenchimento **total** desses espaços.
- 5 - Não escreva nos espaços reservados à correção.
- 6 - **Ao terminar a prova**, chame a atenção do Aplicador, **levantando o braço**. Ele, então, irá até você para **recolher** seu **CADERNO DE PROVA**.

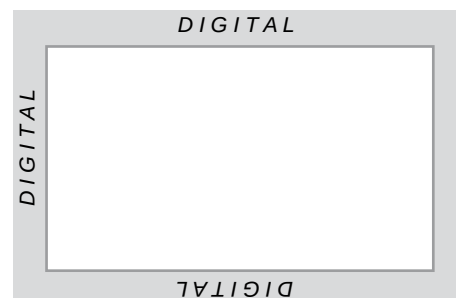
ATENÇÃO: Os Aplicadores **NÃO** estão autorizados a dar quaisquer explicações **sobre questões** de provas. **NÃO INSISTA**, pois, em pedir-lhes ajuda.

FAÇA LETRA LEGÍVEL.

Duração desta prova: TRÊS HORAS.

ATENÇÃO: Terminada a prova, recolha seus objetos, deixe a sala e, em seguida, o prédio. A partir do momento em que sair da sala e até estar fora do prédio, continuam válidas as proibições ao uso de aparelhos eletrônicos e celulares, bem como não lhe é mais permitido o uso dos sanitários.

Impressão digital do
polegar direito



COLE AQUI A ETIQUETA

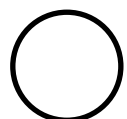
QUESTÃO 01

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles propõe uma compreensão da amizade em que a semelhança entre os homens é importante, embora não a caracterize completamente, como se comprova neste trecho:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons – e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. [...] Uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. Com efeito, toda a amizade tem em vista o bem ou o prazer – bem ou prazer, quer em abstrato, quer tais que possam ser desfrutados por aquele que sente a amizade –, e baseia-se numa certa semelhança. E à amizade entre homens bons pertencem todas as qualidades que mencionamos, devido à natureza dos próprios amigos, pois numa amizade desta espécie as outras qualidades também são semelhantes em ambos; e o que é irrestritamente bom também é agradável no sentido absoluto do termo, e essas são as qualidades mais estimáveis que existem.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. L. Vallandro e G. Bornheim.
In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1979, VIII, 3, 1156b.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações presentes na obra em referência, **EXPLIQUE** por que **NÃO** é toda e qualquer semelhança entre os homens que motiva uma amizade verdadeira.



QUESTÃO 02

Leia estes dois trechos:

E há de se entender o seguinte: que um príncipe [...] não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons, sendo frequentemente forçado, para manter o governo, a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião. [...] Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados dos fatos consumados [...]

MAQUIAVEL, *O Príncipe*. Trad. L. Xavier. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1979, XVIII, pp. 74-75.

Num combate da guerra civil contra Cina, um soldado de Pompeu, tendo matado involuntariamente o irmão, que era do partido contrário, ali mesmo matou-se de vergonha e tristeza; e alguns anos depois, numa outra guerra civil desse mesmo povo, um soldado, por haver matado o irmão, pediu recompensa a seus comandantes. Explicamos mal a honestidade e a beleza de uma ação por meio de sua utilidade; e concluímos mal ao estimar que todos estejam obrigados a ela e que ela seja honesta para todos se for útil.

MONTAIGNE, *Os Ensaíos*. Trad. R. C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001, III, 1, p. 25.

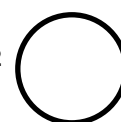
Nos dois trechos, os filósofos, que viveram no início da Era Moderna, propõem duas perspectivas distintas – a da **vida política** e a da **vida privada** –, para a apreciação do valor das ações humanas. Cada uma dessas duas perspectivas gera, por sua vez, critérios distintos de avaliação.

A partir da leitura dos dois trechos transcritos, **REDIJA três** textos,

A) um, **contrastando** as **duas** perspectivas propostas.

B) um, **identificando** os critérios que **cada um** dos dois autores adota para avaliar as ações humanas.

C) um, **argumentando a favor de** ou **contra** a possibilidade de se conciliarem as duas perspectivas.



QUESTÃO 03

Leia este trecho:

[...] uma crítica que limita a razão especulativa é, nesta medida, *negativa*; na medida em que ao mesmo tempo elimina com isso um obstáculo que limita ou até mesmo ameaça aniquilar o uso prático, de fato possui utilidade *positiva* muito importante [...]

KANT, I. Prefácio à Segunda Edição. *Crítica da razão pura*. Trad. V. Rohden e U. B. Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p.42.

Nesse trecho, Kant introduz duas distinções, fundamentais para o entendimento de sua filosofia, que são esclarecidas ao longo do **Prefácio** da obra em referência — a distinção entre as utilidades negativa e positiva da crítica da razão pura e a distinção entre a razão pura teórica, ou especulativa, e a razão pura prática.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações contidas no referido **Prefácio à Segunda Edição**, **REDIJA dois** textos,

A) um, **estabelecendo a diferença** entre as **duas** utilidades da crítica.

B) um, **explicando** como essa distinção permite a Kant preservar o que ele chama de interesse prático da razão — isto é, a defesa da liberdade moral.

QUESTÃO 04

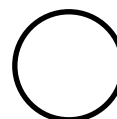
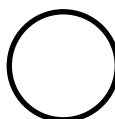
Leia este trecho:

Se Ele [Deus] o proibisse, por exemplo, de calçar a meia esquerda antes da direita, e o punisse por não agir assim, seria desaconselhável fazê-lo, mas não seria errado.

NAGEL, Thomas. Certo e errado. *Uma breve introdução à filosofia*. Tradução de Silvana Vieira. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2001. p. 67.

Um dos argumentos que Nagel apresenta contra a fundamentação religiosa da moral apoia-se nesse trecho.

Com base na leitura desse trecho e considerando outras informações presentes na obra em referência, **REDIJA** um texto, **expondo** esse argumento e **explicando** como esse trecho o apoia.

[illegible]

QUESTÃO 05

Leia estes dois trechos:

[...] o artista moderno quer criar coisas. A ênfase está em criar *e* em coisas. Ele quer sentir que realizou algo que antes não existia. Não apenas a cópia de um objeto real, por mais habilidosa, não apenas uma peça de decoração, por mais engenhosa, mas algo mais importante e duradouro do que ambas, algo que ele sente ser mais real do que os objetos vulgares da nossa trivial existência. Se quisermos entender essa disposição de espírito devemos voltar à nossa própria infância, a uma época em que ainda éramos capazes de fazer coisas de tijolo ou areia, em que transformávamos uma vassoura num veículo mágico e um punhado de pedras num castelo encantado. Muitas vezes essas coisas que criávamos adquiriam para nós um significado imenso – possivelmente tão grande quanto a imagem devia ter para os primitivos. Acredito ser esse forte sentimento pela unicidade de uma coisa criada magicamente por mãos humanas que o escultor Henry Moore (1898-1986) quer que alimentemos ao olhar para suas criações. Moore não principia olhando para o modelo; principia observando a pedra. Quer “fazer alguma coisa” dela. Não com o fragmentá-la, reduzi-la a pedaços, mas Tateando-a e procurando descobrir o que a pedra “quer”. Se ela se converte em sugestão de uma figura humana, ótimo. Mas até mesmo nessa figura Moore quer preservar algo da solidez e simplicidade de uma rocha. Ele não quer fazer uma mulher de pedra, mas uma pedra sugerindo uma mulher.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. p. 467. (Itálico do autor)



HENRY MOORE : *Figura reclinada* (1938). Londres, Tate Gallery.

O LUTADOR

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

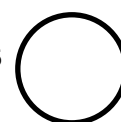
Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.

Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

[...]

REDIJA um texto, **explicando** como a nova perspectiva da arte do século XX, referida por Gombrich, está exemplificada no poema “O LUTADOR”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942.

EM BRANCO





Questões desta prova podem ser reproduzidas
para uso pedagógico, sem fins lucrativos, desde que seja
mencionada a fonte: **Vestibular 2010 UFMG**.
Reproduções de outra natureza devem ser previamente
autorizadas pela Copeve/UFMG.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

